

## **Família, utopia e anarquia**

O conceito clássico de família está pautado sobretudo na consanguinidade e nos laços matrimoniais. Na maior parte das culturas ocidentais, a família representa o núcleo social do indivíduo, através do qual esse busca por suporte material e psicológico, grosso modo. Os ideais que rondam a família são, portanto, aqueles que se relacionam ao amor, à cooperação e à solidariedade. Poderíamos dizer que tal concepção de família representa a mais comum das utopias, na qual os indivíduos atuam em perfeita sinergia, como uma “grande família” na casa Terra (quem nunca escutou isso?).

Contudo, nem todos enxergam e vivenciam a experiência familiar em harmonia, podendo essa ser uma instituição castradora e totalitária. Os pensadores anarquistas consideram a família como a representação do braço do governo no círculo íntimo dos indivíduos. Ao reproduzir os princípios morais ditados pelo código de leis (que é imposto aos seres sem sua prévia consulta), a família serve como uma “adestradora” social. Em seu texto *A mulher, o casamento e a família*, Mikhail Bakunin usa o termo “família jurídica” ao discutir o cerceamento à liberdade das mulheres de sua época por meio de tal instituição. Carlos Malato, em seu livro *Filosofia do Anarquismo*, discute a anarquia na família, a união e o amor livres, colocando que “todos os velhos são os nosso pais, todas as crianças são os nossos filhos, e sejam eles negros, amarelos ou brancos, todos os indivíduos, em todas as partes do planeta, são os nossos irmãos”.

Revisitando o texto sobre o equilíbrio eterno e o pensamento anarquista, a metáfora proposta por Kropotkin, que trata da atuação dos vetores físicos e químicos para a manutenção de um equilíbrio no estado natural das coisas, também os seres humanos em sociedade atuam como vetores, sendo responsáveis pelo bem estar um dos outros, uma vez que, direta ou indiretamente o bem estar do outro afeta o bem estar de todos. Dessa forma, o ideal da “grande família humanidade” não parece possível ao anarquista enquanto tal organização de pessoas representar uma instituição de transmissão de regras, ou mesmo um grupo fechado em que aqueles que o compõem têm obrigações de suporte e transmissão de afeto apenas entre si. Essa lógica exclusivista e exclusória não dialoga com o ideal de vida em sociedade, com o equilíbrio eterno no qual os seres atuam em conjunto para a manutenção de um estado de bem estar duradouro.

Particularmente, penso que no atual contexto social, é simplesmente impossível viver sem o apoio de pessoas mais próximas. Mas isso não significa que tais pessoas devam manter entre si laços consanguíneos ou habitarem sob o mesmo teto. Também integra a minha interpretação de família a convicção de que o núcleo de apoio e satisfação pessoal também pode ser constituído por outros animais que não os humanos; por exemplo, com os meus dois gatos adquiro cotidianamente aprendizados sobre responsabilidade, respeito e amor, o que contribui positivamente com a minha formação pessoal a cada dia.